



INVENÇÕES E REINVENÇÕES DA ESEF/UFPEL: MEMÓRIAS DE UMA INSTITUIÇÃO

ÁVILA, Luciana Toaldo Gentilini (1); OLIZ, Manoela Maciel (2); ISLBÃO, Julia (3); FREITAS, Gustavo da Silva (4); Passos, Ângela (5); CRUZ, Priscila Postali (6); RIGO, Luiz Carlos (7)

1 – Acadêmica da ESEF/UFPEL e bolsista PET_ESEF- lutoaldo@msn.com; 2 – Acadêmica da ESEF/UFPEL, voluntário do programa PET_ESEF e bolsista PIBIq/CNPQ - manu_oliz@hotmail.com; 3- Acadêmica da ESEF/UFPEL- juliaoi@hotmail.com; 4- Mestrando ESEF/UFPEL e bolsista CAPES- gsf78_ef@pop.com.br; 5-Mestranda ESEF/UFPEL- angelaapassos@terra.com.br; 6-Mestranda ESEF/UFPEL- pri_esef@yahoo.com.br; 8- Professor Doutor da ESEF/UFPEL e tutor PET_ESEF- lcrigo@terra.com.br

1. Introdução: Importância e Justificativa da pesquisa

Compreender nosso presente significa também (re) significar nossas histórias, principalmente quando tomamos a memória com algo que traz consigo um componente ético que fala das experiências singulares de cada um, que aproxima nossas lembranças da nossa voz, tão própria, como assinalou Alessandro Portelli (1997), quanto são as nossas impressões digitais.

Apesar das controvérsias acerca das diferenças e das similitudes existentes entre história e memória, uma dificilmente teria sentido sem a outra, pois como nos lembra Octavio Ianni, é "pela memória que se puxa os fios da história". A memória acrescenta o autor, "amarra o presente ao passado pela audácia da imaginação e pelo talento da criação."¹ Assim, tomada aqui em seu sentido multifacetado e não disciplinar, a memória - individual e coletiva, oral, visual, material ou imaterial, dominante ou subterrânea - será o eixo norteador para a construção da trama que irá dialogar com os diferentes discursos existente sobre a história da ESEF/UFPEL, construindo o que estamos chamando de uma Cartografia das Memórias da Instituição ESEF.

¹Ianni, Octavio. "A ditadura militar no Cárcere". In: Caros amigos. nº 32, São Paulo, Casa Amarela, Novembro de 1999, p.10. Para outras considerações sobre os diálogos atuais entre história e memória, ver: SCHWARZSTEIN, Dora. "El auge del pasado: la Historia Pública y la Historia Oral frente a las demandas socias". In: Estudos Leopoldenses, Série História. Universidade do Vale do Rio Dos Sinos. Vol. 4, Nº 1, 2000, p. 19-31, bem como a revista: "Ética e história Oral." Projeto História, nº 15, PUC-SP. p.1 -129. Abril, 1997.

2. Metodologia:

A metodologia principal que estamos utilizando para realizar esta pesquisa possui as suas bases teóricas e metodológicas na Metodologia da História Oral. Emergente nas Ciências Humanas no início dos anos 80, a História Oral constitui-se em um importante campo metodológico interdisciplinar² que traz consigo a marca de ser uma metodologia sintonizada com as recentes rupturas epistemológicas e aberta ao diálogo com outras metodologias, favorecendo e incentivando o uso conjunto de fontes orais, imagéticas e documentais (THOMPSON, 1998). Em nosso estudo destaca-se a associação que estamos fazendo entre os Depoimentos Oraís e as fotografias históricas, o que vem propiciando a emergência de certas singularidades nas entrevistas de nossos depoentes, já que as imagens produzem "um aguçamento da própria memória" (DEMARTINI, 1998).³

Para construirmos parte das memórias da ESEF/UFPel estamos realizando entrevistas com pessoas que tiveram um envolvimento significativo e que exerceram papéis diferenciados na história dessa instituição. Assim até o momento entrevistamos três fundadores da ESEF (I. B.; W. M. E.; H. C. L.) um aluno da primeira turma que depois se tornou professor e diretor da Escola (F. O. T.), um técnico administrativo (N. R. P.) que trabalhou na escola desde julho de 1975, e uma professora (T. C. F.) que atuou na escola desde a primeira turma até 1987. Além das fontes orais e imagéticas estamos fazendo uso também de documentos, atas portarias, reportagens e matérias de jornais que encontramos nos arquivos da Escola.

3. Emerge uma Instituição: Notas Sobre a Criação da ESEF/UFPel

As discussões sobre a implantação da Escola Superior de Educação Física de Pelotas iniciam-se em 1969, através do Conselho Municipal de Desportos, tendo como uma das principais justificativas à implantação da Lei Federal que estendeu a obrigatoriedade da prática da Educação Física a todos os níveis de ensino⁴.

²Montenegro é um dos autores brasileiros que chama a atenção para "a necessidade contemporânea de registros da memória, colocando a problemática da interdisciplinaridade como questão angular". Nesse sentido, o autor argumenta que talvez o uso do binômio Fontes Oraís, ao invés de História Oral, seja mais adequado para se referir ao uso da memória como fonte. (MONTENEGRO, A. Torres. pag. 211 In: "Os desafios contemporâneos da História Oral". (Campinas, SP, CMU/Unicamp, 1997.)

³DERMARTINI, Zeila de B. F. "Resgatando imagens, colocando novas dúvidas: reflexões sobre o uso de fotos na pesquisa em História da Educação." In —: Cadernos de Texto do Ceru. (Série 2, nº 8 - 1997, p.10).

⁴ O decreto-lei nº 705 de 25 de junho de 1969 alterou o artigo 22º da lei nº 4024/61 tornando obrigatória a prática da Educação Física a todos os níveis e ramos de ensino. Anos depois, a Educação Física é regulamentada em todos os níveis de ensino pelo Decreto nº 69450 de 1º de novembro de 1971, artigo 2º - "A educação física, desportiva e recreativa integrará, como atividade escolar regular, o currículo dos cursos de todos os graus de qualquer sistema de ensino". E tinha por objetivos citados no artigo 3º, inciso III: "No nível superior, em prosseguimento a iniciada nos graus precedentes, por práticas, com predominância, de natureza desportiva, preferentemente as que conduzam à manutenção e aprimoramento da aptidão física, à conservação da saúde, à integração do estudante no campus universitário à consolidação do sentimento comunitário e de nacionalidade".

Com a aprovação desta lei, intensificou-se em Pelotas o problema de falta de professores dessa disciplina visto que, naquele período, a maioria dos professores possuía registro a título precário. Em 04/10/1969, uma reportagem no Jornal Diário Popular, intitulada “*Educação Física para 12.000 alunos, apenas 24 professores*”, assinados por Mário Rosa, salienta que nos estabelecimentos de nível médio da cidade de 24 professores, 11 possuíam registro a título precário; 13 possuíam registro definitivo, mas apenas 5 fizeram curso superior e destes apenas 4 fizeram o curso de Educação Física Infantil.

Noutra reportagem datada de 24/08/1969, no mesmo jornal citado, intitulada “*Conselho Municipal de Desportos pediu criação de escola de Educação Física na UFPEL*” o autor concluiu a reportagem citando alguns problemas que a falta de uma Escola de Educação Física estava ocasionando para a cidade.

Dois anos depois, sob a portaria Nº 121/71, de 09/06/1971, o Reitor da Universidade Federal de Pelotas, decreta á criação da Escola Superior de Educação Física

4. Conclusões Preliminares: Uma instituição Nômade

Em 1971 e 1972 realizou-se a elaboração curricular, a realização de vestibular, a contratação dos primeiros professores etc., preparativos que possibilitaram que em 1973 a primeira turma de Acadêmicos iniciassem suas atividades. A primeira sede da ESEF foi na Rua General Osório, número 725, esquina com a General Neto, onde hoje funciona o Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo (MALG). Além da parte administrativa nessa primeira sede também haviam algumas aulas, como as aulas práticas de ginástica e de dança, que ocorriam em uma sala ampla localizada no segundo andar desse prédio.

Mas eram apenas algumas disciplinas e algumas aulas que podiam ser ministrada na sede da Escola. Assim a ESEF é fundada e começa suas atividades sem ter um espaço composto por quadra esportivas, ginásios, piscinas etc. o que fazia com que as aulas ocorressem esparramadas por diversos locais da cidade, como muito bem lembrou nosso entrevistado aluno da primeira turma:

Eu não me lembro agora, mas nós tínhamos aulas em mais de 20 lugares diferentes, então nós tínhamos aula na Odonto, até posso ir lembrando essas coisas, tínhamos higiene na Odonto, anatomia era aqui no campus, lá na medicina tinha aulas, aqui na biologia, depois tivemos natação lá no Dunas Clube, no bairro Areal, tivemos algumas aulas de natação acho que até no mesmo na Escola Técnica (CEFET), . . . Bom aí tiveram aula de voleibol no Ginásio do Pelotense, (F.O.T., 2007)

A ESEF funcionou na sede da Rua General Osório até 1978 e em 1979 foi transferida para Praça Vinte de Setembro. Se por um lado a nova sede possibilitou que um número maior de aulas ocorressem em um mesmo prédio, elas ainda estavam muito longe de se aproximar das instalações características de uma faculdade de Educação Física. Assim, a grande maioria das aulas práticas continuaram ocorrendo em diferentes locais alugados, o curso de Educação continuava com instalações muito precárias, sem campo de futebol, pistas atletismo, piscina etc. O espaço existente para a pratica dos esportes de quadra, por exemplo, era "um ginásio" construído na década de 80, coberto por uma lona de plástico que recebeu o apelido de a "bolha".

A sede da ESEF permaneceu nesta localização, que como a anterior também era um prédio alugado, até 1998 quando se transferiu para o endereço atual que fica localizado na Cohab Tablada, Rua Luiz de Camões, número 625.

Se comparada com as outras duas sedes anteriores a nova localização possui uma infra-estrutura bem melhor para as aulas práticas e teóricas. Porém, apesar de em menor número, ainda continua havendo aulas que em outros locais alugados.

Esta breve trajetória que aqui expusemos de forma rapidamente, ressaltando as três ESEFs que existiram em três décadas mostra um pouco dos inúmeros acontecimento, das singularidades, dos conflitos e dos tensionamento que compõem a memória desta instituição que estamos iniciando a estudar.

5. Referências

DERMARTINI, Zeila de B. F. "Resgatando imagens, colocando novas dúvidas: reflexões sobre o uso de fotos na pesquisa em História da Educação." In —: Cadernos de Texto do Ceru. (Série 2, nº 8 - 1997, p.10).

IANNI, Octavio. "A ditadura militar no Cárcere". In: Caros amigos. Nº 32, São Paulo, Casa Amarela, Novembro de 1999, p.10.

SCHWARZSTEIN, Dora. "El auge del pasado: la História Pública y la História Oral frente a las demandas socias". In: Estudos Leopoldenses, Série História. Universidade do Vale do Rio Dos Sinos. Vol. 4, Nº 1, 2000, p. 19-31.

MONTENEGRO, A. Torres. A Invenção do Olhar In: "Os desafios Contemporâneos da História Oral". Campinas, SP, CMU/Unicamp, p. 1997-211, 1997.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a História Oral diferente. In: Projeto História, nº 14, Cultura e Representação, São Paulo: Educ, Editora da PUC/SP, 1997.

Outras Fontes:

Thomas; O; F.. Minhas lembranças da ESEF/UFPel. Pelotas, Novembro, 2007.
Entrevista, concedida a Luiz Carlos Rigo; Priscila Cruz e Manoela Oliz.

Ata da Reunião Departamental da Escola Superior de Educação Física do dia 03 de Junho de 1985, Arquivo Morto da Escola Superior de Educação Física, Pelotas, RS.

Decreto Lei nº 705 de Junho de 1969, Ministério da Educação e do Desporto, Brasília.

Decreto Lei nº 69450 de 1º de novembro de 1971, Ministério da Educação e do Desporto, Brasília.

Jornal Diário Popular, 04 de novembro de 1969, Pelotas, RS.

Portaria Nº 121/71, Reitoria da Universidade Federal de Pelotas, 09 de Junho de 1971, Pelotas, RS.